

A arte como utopia em Ernst Bloch

Jadismar de Lima Figueiredo
Universidade Federal da Paraíba
jadismar-lima@hotmail.com

Ernst Bloch, em sua obra *O Princípio Esperança*, constroi a ideia de que a utopia não deve ser uma mera forma de desejar o irrealizável, o autor destaca que a utopia se enquadra em uma ordem do concreto. Sonhar acordado acaba se tornando uma utopia quando o que se quer alcançar parece muito distante de uma realidade próxima ao homem. Assim, na proporção que se pode afirmar que o sonhopode ser enquadrado como uma utopia, é possível dizer que, segundo Bloch, a utopia permeia o campo artístico em que aquele que cria sua arte, cria também uma utopia, não como mera forma de inanimada de artes, mas como exteriorização de um sonho que ultrapassa utopias e se concretiza. O presente trabalho, portanto, busca a discussão feita por Ernst Bloch sobre as artes dentro um ditame utópico, objetivando caracterizar as representações artísticas como construção de sonhos.

Palavras-chave: utopia, artes, sonho, homem, concreto.

Introdução

Ao iniciar este capítulo, o qual tem como base a obra *O Princípio Esperança*¹ de Ernst Bloch, serão analisadas as contribuições do autor no que se refere ao sonho diurno e a esperança. Antes, é importante destacar que o pensamento de Ernst Bloch é influenciado pelo marxismo, para poder situar o autor no contexto histórico-filosófico, o qual o autor desenvolve sua análise sobre o sonho diurno.

Assim, a luta de classes se torna, para o marxismo, aquilo que move a história numa busca pela produção material que fortalecia a vida social, política e intelectual. A principal tese de Marx é uma crítica ao sistema capitalista. Ele assegura que esse sistema tende a dividir a sociedade, em que a classe proletária se encontra submissa à burguesia.

É nesse contexto que surge o filósofo da utopia, influenciado pelo pensamento de Marx, e, ao mesmo tempo, apresentando suas divergências em relação a Marx. Apesar de se considerar um marxista em toda sua obra, Bloch, em alguns de seus escritos, tenta se distanciar dessa tradição, “seja em função da sua compreensão acerca da filosofia da natureza, de seu método de exposição literário ou mesmo da liberdade de suas interpretações” (CASTRO, 2017, p. 47).

¹ O Princípio Esperança é o nome da principal obra de Ernst Bloch que foi escrita entre 1939 e 1947, período em que ficou exilado nos Estados Unidos, revisada entre 1953 e 1959 na Alemanha Oriental e publicada pela primeira vez em 1954.

Sua vasta produção, em alguns momentos, distancia-se de correntes marxistas, aproximando-se de outras com pensamentos diversos entre si, como é o caso do messianismo teológico, expressionismo e romantismo. Também, sua tendência a uma filosofia da natureza, carregando características peculiares, faz com que Bloch, com uma filosofia um tanto oposta ao mecanicismo positivista, prima para que seu pensamento se aproxime de um marxismo reformulado. Desse modo, o marxismo utópico de Ernst Bloch vai além de uma correção que ultrapassa os conceitos de um materialismo vulgarizado. “Sua intenção vai além, concentrando-se na elaboração das bases teóricas de um novo marxismo, baseado menos na análise crítica da economia política de Marx do que na reatualização do socialismo utópico e dos conceitos éticos de um pensamento voltado para o futuro” (MÜNSTER, 1993, p. 87).

Portanto, o pensamento utópico em Ernst Bloch não se baseia em um sonho abstrato, mas em uma teoria crítica fundada em um novo espírito utópico, o qual conduz o ser humano a construir um mundo de possibilidades onde seus sonhos e desejos podem ser lançados para a frente com o objetivo de realização, a partir do princípio esperança. Esse vasto campo de possibilidade coloca o homem diante de uma reflexão artística em que pode ser norteada pela arte, como forma de construção e aproximação entre o que o homem é e o que ele sonha em se tornar.

O sonho como construção de utopias

Ernst Bloch inicia sua obra fazendo uma viagem sobre os comportamentos humanos, desde a idade, enquanto criança, até suas experiências na idade adulta. Vale ressaltar que o filósofo, a partir do momento em que descreve as fases de crescimento, apresenta também fatos e acontecimentos que vão sendo experimentados pelo sujeito no decorrer da vida.

A percepção sobre essas experiências vai se moldando de acordo com a idade. Desde a fase infantil, a criança tumultua sua existência com excesso de informações, não conseguindo realizar escolhas nem possuindo capacidade de direcionar suas vontades, porém, quando vai crescendo, essas percepções vão se tornando mais claras ao mesmo tempo em que outras se tornam confusas.

Segundo Bloch, “se alguém sonha, nunca fica parado no mesmo lugar. Move-se, quase que a seu bel-prazer, do lugar ou condição em que se encontra naquele justo momento.” (BLOCH, 2005, p. 32). A adolescência, por exemplo, é a fase em que os sonhos se tornam companheiros de viagens e, em continuidade, há a construção de sonhos e expectativas, ou até mesmo de momentos vividos que poderão ser experimentados, os quais o filósofo chama de desejos.

Certos comportamentos e atitudes começam a caracterizar a experiência de vida do ser humano, como insegurança, falta de confiança em si mesmo, ou até mesmo a felicidade de ser escolhido como destaque em algo. Mas o que se observa é que essa mistura de comportamentos é

necessária no que diz respeito à construção de ideias e de uma noção de perceber cada instante da vida em perspectivas diferentes.

Essas experiências, obviamente, permitem que suas consequências também sejam experimentadas pelo sujeito, uma vez que são vividas e sentidas por ele. É o que se compreende quando Bloch diz: “O desejo do sonhador retrocede, procura restabelecer algo. O sonho desenha o que teria acontecido se uma bobagem tivesse sido evitada, se uma ação inteligente não tivesse sido desperdiçada.” (2005, p. 37). Ou seja, há uma construção de sonhos que são lançados a um futuro, e o sujeito, portanto, deseja e sonha. Destaca-se que o sonho que é referido aqui não se trata do sonho noturno, mas o sonho, como um lançar-se a um futuro, o querer que algo aconteça ou realize, é uma meta que se projeta para o futuro, é o sonho diurno.

Enquanto pessoa adulta, diferentes caminhos de possibilidades de sonhos são considerados pelo sujeito, mas o filósofo faz uma analogia citando dois grupos de pessoas que vão sendo afastados desse intuito. De um lado, o empregado e, de outro, o pequeno burguês. Ora, Ernst Bloch é um marxista contemporâneo e sua filosofia se sustenta a partir dos acontecimentos de sua época, data de 1885 a 1977. Seus longos 97 anos lhe permitiram assistir muitos fatos históricos.

Segundo o filósofo da utopia, as inclinações dos empregados são bem diferentes das inclinações dos pequenos burgueses, uma vez que esse segundo grupo tem “[...] mais facilidade para desistir dos ideais da juventude e direcionar sua vontade apenas para aquilo que pode alcançar.” (BLOCH, 2005, P. 41). O rico, diferente do assalariado, pode, segundo Bloch, proporcionar-lhe qualquer desejo determinado, ocorre que esse excesso pode lhe causar uma espécie de penúria, de tédio e, esse modo estranho de viver os leva rumo a uma nulidade cada vez maior.

Ainda sobre esse percurso explorado por Ernst Bloch em que o sujeito experimenta uma vida em que empecilhos são passageiros, falta à última fase que é a velhice. O filósofo deixa claro que “o ideal saudável da velhice e na velhice é o da maturidade bem-acabada. A essa maturidade é mais cômodo dar que tomar.” (BLOCH, 2005, p. 45).

É notório perceber que mudanças corporais começam a ocorrer, a vida leve de brincadeiras da criança se transforma, deixa de acontecer, apesar de sempre poder carregar consigo esse lado infantil, sistemas reprodutores deixam de funcionar. Mas vale destacar que essa experiência nunca é desejada pelos jovens, pois esses sempre sonham por condições agradáveis de vida, mudanças, agregações, mas nunca é o foco chegar, de imediato, à fase da velhice, o que é inevitável. Se não for interrompido pela morte, a velhice vai chegar.

Acontece que esta última fase da vida, pode ser experimentada como uma conquista repleta de energias positivas, entusiasmo e alegrias, mas pode também ocorrer de ser experimentada pelo

desconforto de ter perdido ou abandonado à criança articulosa, o jovem arteiro, o adulto determinado e fugaz, e essa sensação pode trazer o sonho de querer voltar a ser jovem novamente.

Quando a experiência humana de viver é bem celebrada, cada fase é aproveitada com tudo aquilo que ela oferece, pois cada uma dessas fases usufrui de momentos que são, a cada tempo, celebrados distintivamente no seu devido tempo. Desse modo, “em seu conjunto, a velhice, assim, como cada um dos anteriores estágios da vida, sem dúvida apresenta um ganho possível, específico, um ganho que compensa a despedida do estágio precedente” (BLOCH, 2005, p. 45). Nessa perspectiva, será sempre um privilégio atingir esta fase, pois é um momento em que se experimentou o maior número de coisas, vivenciando cada instante, portanto, “o envelhecimento pode designar também um ideal de acordo com a condição dada; o ideal da ‘visão panorâmica’, e eventualmente da colheita.” (BLOCH, 2005, p. 45).

Essa construção de sonhos é formada por desejos, pelo querer, é um direcionamento focado em algo fora de si, pois se o ansiar algo permanece em si mesmo, é possível que se reduza a mera avidez cega e vazia. Ernst Bloch afirma que o ansiar deve rumar em direção a algo, sem dar golpes para todos os lados, desse modo, torna-se um querer direcionado para um objetivo. No entanto, esse alvo para o qual o anseio se dirige é aquilo que pode saciar esses desejos. O animal, por exemplo, dirige-se para o alvo como um apetite² do momento, já o ser humano não utiliza somente o apetite, mas o desejo. “O ato de desejar é mais amplo, possui mais matizes do que o apetecer, pois o *desejar* se expande para uma concepção em que o apetite imagina a forma do seu objeto.” (BLOCH, 2005, p. 50).

Segundo o filósofo, onde houver a imaginação de algo melhor, possivelmente, perfeito, ocorre o desejar, porém esse se diferencia do querer. O desejar é um modo passivo, não há nada de trabalho, o querer é um querer-fazer. Comparando esses dois conceitos, tem-se que o desejar é uma experiência teórica, e o querer é uma transformação dessa experiência em uma atividade prática.

Desejos podem até ser completamente irracionais, podem se dar no sentido de que X ou Y ainda estejam vivos. Eventualmente faz sentido desejar isto, mas é absurdo querê-lo. Por isso, o desejo permanece onde a vontade nada mais pode mudar. [...]. O querer, ao contrário, é necessariamente um avançar ativo rumo a esse alvo, dirige-se para fora, tem de se medir unicamente com coisas realmente dadas. Sendo que o caminho trilhado pelo desejar, acrescido e assim solidificado pelo querer, pode até ser propriamente indesejado, ou seja, áspero ou amargo. (BLOCH, 2005, p. 51).

² Apetite, nesse caso, se refere a literalidade do termo, em que os animais agem por instinto, na procura por comida, de acasalamento. Processo natural da vida dos animais.

Portanto, o apetite, juntamente com sua pulsão, primeiro se apropria daquilo que está ao seu alcance. O desejar imaginativo, por sua vez, ambiciona mais se mantendo insatisfeito, o que nada lhe agrada ou lhe basta de fato.

A luta por um mundo melhor sempre foi característica do ser humano, conforme afirma Bloch, pois sua vida é repleta de sonhos, que são impulsionados para o futuro, e esperar que algo de bom venha a acontecer em um futuro próximo, implica em como a esperança sacia a humanidade. Muitos acontecimentos preencheram a história da humanidade, com culturas diversas e o contínuo conhecimento que se altera constantemente, seja pela ciência, pelas reflexões filosóficas ou pelas crenças, que ainda podem ser acrescentadas as várias comunidades que se estruturam com estilos e formas de vida que divergem de uma pra outra, em virtude da época e lugar.

É nessa perspectiva, que Ernst Bloch inicia as discussões do segundo volume do seu livro intitulado *O princípio Esperança*, com uma análise que o ser humano desenvolve, a respeito dessa busca de melhoria como o desejo de querer sempre mais e na expectativa que tudo ocorra bem, pois, segundo o filósofo, o homem vive sobre o crivo de mudanças e prolongamentos constantes. Isso modifica seu modo de viver e conceber o mundo, o qual está em constante relação.

A luta por um mundo melhor e as utopias sociais

O mundo parece ser remodelado pela vontade do ser humano, quando criam os corpos perfeitos, a cura de doenças, um perfil de pessoas e sociedades que levam a crer em uma possível perfeição que sincroniza uma utopia da beleza, junto com a força da medicina. Isso se verifica quando Bloch analisa o desejo do ser humano, comparados aos contos de fada, é como uma imitação que precisa seguir tal padrão para ser bom. Ocorre também, entre burguesia e proletariado, em que tudo que sai da norma foge do conceito burguês de bom, portanto, esse mundo esboçado como melhoria, pode parecer como uma criação do próprio homem que busca sua construção utópica.

É a mais nítida erupção do desejo do rejuvenescimento, em que pessoas lutam, desde tempos passados, pela criação do envelhecimento tardio, tudo pela não aceitação de um ritmo natural da vida. A utopia descrita nessa discussão demonstra o quanto o ser humano luta para driblar um curso natural da vida e, por isso, é perceptível a luta do homem pela descoberta de substâncias que retardam o envelhecimento, e que, para isso, baseiam-se em recursos da medicina para que esses objetivos sejam atingidos. Ocorre que “expandir a vida para além de seus limites atuais, além dos que são estreitos demais para nossas capacidades, tarefas não cumpridas e categorias de propósito, esse é o desejo que inclui e nitidamente transcende o da cura” (BLOCH, 2006a, p. 20). Essa busca incessante

parece ultrapassar os limites da própria medicina, pois se torna mais eficaz a descoberta que promove a sustentação da beleza do que a própria cura de enfermidades.

Segundo Bloch, o corpo foi orientado para tipos limitados e questionáveis de saúde, porém, o sonho desejante tinha em mente um corpo que demonstraria prazer e nunca dor, não havendo labilidade³ na velhice. Tudo isso corresponde a uma luta entre as utopias médicas e sociais. Somente no humano, é eficaz a capacidade utópica de direcionar aquilo que nunca possuiu e, portanto, “é improvável que esse poder tão essencial ao ser humano, o poder de transpor e de criar algo novo, pare diante de seu corpo” (BLOCH, 2006a, p. 24).

Essa é uma forma de crítica feita por Bloch ao capitalismo, em que a burguesia se sacia pelo desejo de equacionar um limite entre uma classe poderosa e uma classe fragilizada. Isso ocorre porque esse cenário é desigual, uma vez que, de um lado, têm-se aqueles que buscam um bem estar social, individual, soberbo, egoísta e supérfluo e, de outro, aqueles que buscam subsídios necessários e precários a própria sobrevivência, portanto, cenário injusto e desigual, como afirma Bloch. O homem sonha por um mundo mais equilibrado e melhor, em que pessoas tenham qualidade de vida, uma velhice avançada, vida indolor e longa, assim, “*como renascidos: é o que significam os esboços de um mundo melhor em relação ao corpo*. No entanto, os humanos não terão andar ereto enquanto a própria vida social continuar tortuosa” (BLOCH, 2006a, p. 28).

A questão das utopias é marcante nas sociedades, mas também na literatura filosófica, no decorrer da história, pois é possível observar que vários autores se dedicaram a ilustrar seus pensamentos baseando-se na criação de mundos imagináveis que saciariam desejos utópicos, por serem “perfeitos”. É o caso, por exemplo, da Nova Atlântida de Francis Bacon, como uma vida impulsionada pela ciência e o conhecimento; a terra das colunas de Hércules, que, na mitologia, acreditava-se ter sido um caminho aberto pelos ombros de Hércules, ligando o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico, gerando duas montanhas no estreito de Gibraltar; a cidade de Deus de Agostinho, que é uma obra célebre, em que Santo Agostinho, descreve o mundo dividido entre o dos homens (mundo terreno) e o dos céus (mundo espiritual); a cidade do Sol de Campanella, que consiste na ideia de sociedade ideal, em que haveria um Estado liderado por um príncipe-sacerdote chamado “Sol”, uma cidade onde tudo era, detalhadamente, organizado e os moradores utilizavam a razão para organizar suas vidas. As principais, das obras citadas acima, servirão de fundamento para o estudo das utopias de Bloch.

Campanella, ao criar sua utopia, baseou-se nas grandes potências de sua época, o qual projetou sob uma imagem utópica, sua intenção de ideologizá-la, “porque acreditava na vinda de um reino

³ Consiste em uma psicopatologia que gera instabilidade emocional, alternando emoções que podem oscilar entre estados de alegria e de melancolia ou tristeza.

dos sonhos e destacou as potências existentes como instrumentos da aceleração dessa vinda” (BLOCH, 2006a, p. 78). Na cidade do Sol de Campanella, foi abolida a propriedade privada e assim “o bem comum constitui a tarefa suprema” (BLOCH, 2006a, p. 78); a Ilha dos Sonhos de Morus era sinônima de uma sociedade ideal, embora de existência impossível. Distanciando-se de uma realidade caótica, fundada pela burguesia e recheada com as desigualdades sociais, Thomas Morus cria a Ilha Utopia que “é humanamente digna, sobretudo porque seus moradores estão libertos, em grande medida, da escravidão do trabalho” (BLOCH, 2006a, p. 78).

Com isso, é possível perceber que o homem cria, imagina, deseja e tudo isso está ligado a um tempo histórico em que cada um experimenta suas ações e percepções, “o sonho contém a tendência de seu tempo e da subsequente expressão em figuras” (BLOCH, 2006a, p. 36). Os sonhos, portanto, são desejos da imaginação do sujeito, porém eles carregam consigo a influência de seu tempo. O exemplo da “Kodak”, no capítulo anterior, destaca muito bem essa questão. Em tempos atuais, não se deseja mais uma máquina fotográfica que necessita de filmes, deseja-se um “Smartphone” que compreende um só aparelho, recursos que fotografa, filma, acessa internet, permite a troca de mensagens e faz ligações. Provavelmente, em alguns anos, esse aparelho estará ultrapassado.

As utopias como artes

Diante disso, como uma utopia influenciada com o processo, é necessário destacar as formas e conteúdo desenvolvidos na sociedade atual, e assim, a utopia, não no sentido mais abstrato, consiste em uma antecipação realista do bem. A utopia concreta, por sua vez, está vinculada ao processo por dois elementos que são a *tendência* – tensão que está na vez, mas é tolhido e na *latência* – aquilo que faz parte das possibilidades reais objetivas que ainda não foram realizadas no mundo. Com isso, todo sonho de uma vida melhor se infere no que é interno, próprio, solitário, e, portanto, percorre o mundo como verdadeiro querer e intencionar do que ainda não chegou. Esse intencionar tem sua totalidade no mundo objetivo do trabalho humano. “O marxismo representa a primeira porta para a condição que remove casualmente a espoliação e a dependência, logo a porta para um incipiente ser como utopia” (BLOCH, 2006a, p. 178).

O ser humano é impulsionado por desejos e sonhos e tende a lutar para sua realização. Ora, a história é marcada por movimentos em que estudiosos desenvolveram teorias, filosofias, ideias de objetos, frutos de sonhos diurnos, advindos da imaginação e desejo de descobertas surpreendentes, que viriam a contribuir para mudar o curso da vida, trazendo conforto, segurança e bem estar as pessoas.

Não bastasse a ciência, a filosofia e os contos retratam essa questão que influencia o homem pela busca da realização de sonhos que se tornaram utopias, chegando a ser ou não alcançadas. É o

caso, por exemplo, dos homens remotos que remodelavam matéria bruta para favorecer sua vida, transformando-a em utensílios e objetos que os auxiliavam na caça, na pesca e na defesa contra animais. Bloch vai dizer que “o ser humano é o único animal fabricante de ferramentas, aperfeiçoou o prego em lima, o punho em martelo, os dentes em faca. [...] subordinou a si o fogo, que cozinha a comida, extrai o minério e espanta qualquer fera” (BLOCH, 2006a, p. 180).

O conto de Aladin traduzido do árabe por Antonio Galland, uma história contada por Hanna Dia, é um exemplo de utopia que, mesmo desejada e sabendo que nunca chegaria a ser realizada, foi criada em contos de fadas para ilustrar que o desejo impossível do homem pode ser, facilmente, criado com toda a facilidade lúdica. “O conto de fadas contém gigantes alados que não somente transportam, como um raio, por distâncias imensas, mas que também trazem do subterrâneo riquezas tão grandes que dificilmente um desejo ousaria almejá-las” (BLOCH, 2006a, p. 182).

Outro ponto que merece destaque é o movimento barroco junto com a renascença que marcam o período com grandes construções e descobertas. É óbvio que há muito o homem sempre planejou o que quis, porém sonhos voltados para a técnica ocorrem antes do ano de 1500. Em Bizâncio, registram-se planos de um navio com pás giratórias, que eram movidos por bois, porém não passou de planos. Joaquim Becher⁴, ainda enquanto criança, coloca no mundo alguns esboços: novos teares, rodas d’água, mecanismos de relógio, termoscópio, ou seja, realiza uma corrida pelo reino das possibilidades.

A montagem de máquinas para a construção da cúpula da catedral de Florença, por Brunelleschi⁵, consistia em alavancas combinadas e níveis inclinados em uma construção matemática, previamente, concebida. O grande Leonardo da Vinci, considerado o primeiro inventor e pesquisador sobre a pura causalidade imanente, ou seja, “causalidade”, projetou o primeiro paraquedas, a primeira turbina, que era um ventilador em um canal d’água, “estudou o voo dos pássaros, a fim de cumprir o sonho muito humano de voar, a mais arcaica dentre as imagens de desejo técnicas” (BLOCH, 2006a, p. 202).

O período da renascença e do barroco foram épocas de inventivas baseadas no improviso, como destaca Bloch, acreditando-se que inventar seria um processo misterioso, tanto quanto a natureza em que se envolve. Portanto, durante muito tempo, “a inventividade ainda construía para dentro do desconhecido, tornando-os assim conhecido; engendrou a nova mão-de-obra, a força suplementar que até então não existia: a da máquina” (BLOCH, 2006a, p. 203).

⁴ Johann Joachim Becher foi um físico alemão, alquimista, pioneiro da química, estudioso e aventureiro, que, desde criança começou a inventar objetos artesanais, que mais tarde, foram utilizados pela metalurgia.

⁵ Filippo Brunelleschi foi um [arquiteto](#) e [escultor renascentista](#). Ficou famoso através de uma das suas principais obras que foi a cúpula da Catedral de [Santa Maria del Fiore](#), em [Florença](#), no ano de 1434. Uma das maiores cúpulas de grandes dimensões construída na Itália desde a antiguidade.

Há também os preceitos cristãos que são seguidos e respeitados intensamente. Além de ser uma reflexão utópica sobre a técnica, a “casa de Salomão” é, tomando a expressão de d’Alembert, um imenso catálogo de que falta ser descoberto. Com isso, “o escrito de Bacon representa, mesmo nos tempos subsequentes, a única utopia de nível clássico que atribui um valor decisivo às forças produtivas técnicas da vida melhor” (BLOCH, 2006a, p. 209).

A questão das utopias se reflete também nas grandes construções que são destaques no mundo, pois são frutos de imaginações expressas, através de pinturas, projetos e arquiteturas. Podemos destacar a cidade de Pompeia, que hoje existe como sítio arqueológico, considerada patrimônio da humanidade pela Unesco, possui belas pinturas em suas paredes que eram feitas, mesmo que sua realização se tornasse impossível. Ocorre que o homem já era capaz de imaginar, sonhar e, por isso, expressar esses sonhos nas pinturas como se desejassem exteriorizá-los, mesmos que de forma utópica. O barroco expressa uma época esplendorosa de festas e celebrações em que “o potencial de prazer e ostentação, muitas vezes, insípido, mas jamais esgotado, era capaz de se instalar na exuberância” (BLOCH, 2006a, p. 255).

Na verdade, o que se pintavam eram sonhos, que, por não poderem ser realizados, transfiguravam em formas de desenhos e pinturas. Tais artes se formavam como construções de um mundo imaginário que saciasse o desejo do homem de beleza e perfeição, considerando que, no sonho, tudo é melhorado. As casas, por exemplo, são ornadas com uma beleza que não se encontra em lugar algum. A pintura arquitetônica está repleta de uma construção desejante, pois ela é *sui generis*, produzindo em si, sua originalidade que vem de dentro para fora.

As construções arquitetônicas também são representações da imaginação em que o homem idealiza e busca sua concretização e mesmo que utilize, muitas vezes, de vestígios míticos, religiosos, astrais, fictícios, como contos de fadas, são frutos de uma imaginação, mesmo que utopizada, como é o caso das grandes construções sacras. “Em todos os lugares, porém, no conjunto da guilda de construtores sacros, a aspiração artística é uma aspiração de corresponder, uma congruência com o respectivo espaço imaginado como o mais perfeito, utopizado” (BLOCH, 2006a, p. 273).

É preciso destacar a música como expressão não está acabada, nem mesmo para quem a cria, pois ela se molda e é a expressão da maturidade formada de quem a faz, pois “a música flui não apenas no artesanato natural, mas também no poder da expressão pessoal, um único fluxo de igualdade que permanece inalterado por todos os altos e baixos, [...]” (BLOCH, 1985, p. 61)⁶ (Tradução nossa). O impulso utópico da música não está naquilo que é presente no mundo, mas

⁶ “Insofern fließt der Musik nicht nur im selbstverständlichen Handwerk, sondern auch in der Kraft des persönlichen Ausdrucks ein einziger Strom von Ebenbürtigkeiten, der unberührt von allem Auf und Ab bleibt, [...]” (BLOCH, 1985, p. 61).

consiste “em uma aposta no eterno indesignável do vir a ser, convidando a pensar a possibilidade mesma da possibilidade, um soar para frente que restitui ao futuro sua ligação fundamental com o que ainda não é” (SEGER; SOUSA, 2013, p. 72).

É sabido, portanto, que Ernst Bloch procura expor seu entendimento de utopia fazendo um estudo de várias questões históricas, artísticas, culturais, mitológicas, religiosas e fictícias. Acima já foi descrito algumas dessas utopias estudadas por Bloch que demonstram como o homem é inventivo e vive sempre criando novidades, seja como forma física ou até mesmo imaginativa, mas, o que de fato ocorre, é que esse interesse novo parte do seu interior. É possível perceber que as grandes construções arquitetônicas, na história do mundo, foram erguidas como uma forma de exteriorizar sonhos, de tornar o mundo desejado belo e prazeroso. É como se ele quisesse preencher um espaço vazio com seus sonhos, tornando-os reais.

Não fosse somente isso, é imprescindível entender também que toda essa estrutura de criação possui uma característica própria influenciada pelo espaço, pelo tempo, pela cultura. Ora, sabe-se que as construções egípcias, por exemplo, são diferentes das construções gregas. Sabe-se que a arquitetura barroca ou renascentista difere da arquitetura antiga ou contemporânea. Isso ocorre porque o homem é influenciado pelas descobertas, pelos impulsos do diferente.

O intelecto, ou seja: o sujeito humano, que pessoalmente ainda está à procura daquilo de que pode ser dito que tenha afinidade com ele, esse ente constrói em diferentes sociedades ângulos cada vez diferentes, arcos, cúpulas, torres de uma terra concentrada em direção do ser humano. A utopia arquitetônica constitui, portanto, o começo e o fim de uma utopia... (BLOCH, 2006a, P. 298).

As utopias, nesse ínterim, estão presentes nos indivíduos que sonham, que criam e, a partir disso, idealizam e constroem o mundo dos sonhos. Não é só mito, não é só ficção, é também realidade que faz o sonho para frente atingir seu ápice de realização e concretização, portanto, “o mundo melhor, que o grande estilo arquitetônico expressa e retrata de forma antecipatória, existe assim fora do mito, enquanto missão real a ser realizada, *vivis ex lapidibus*, edificado com as pedras da vida.

Conclusão

As discussões apresentada no presente trabalho apontam para uma diferenciação do sonho noturno ocorre quando o ser humano dorme e do sonho diurno, capacidade do homem sonhar, desejar e buscar concretizá-lo. O sonho diurno é a capacidade do sujeito de sonhar, de desejar, projetar no futuro seus anseios, na expectativa de uma vida melhor e serena, transmutando para frente seu instante vivido com suas devidas conquistas em que seus desejos são implementados.

Segundo o Autor, o mundo não está pronto, se estivesse, o futuro era certo e não é. O lançar-se para frente é uma forma de desenvolver a expectativa utopizante de melhorias, sem que haja certeza de, absolutamente, nada, podendo tudo dar certo ou não. Porém, é o que resta ao homem, considerando estar em um mundo que lhe dar possibilidades e formas de transformação em que seus sonhos possam ser concretizados. Nessa luta em um mundo de possibilidades, cabe dizer que a utopia é uma forma de pensar a arte, como construção de mundo, como representações daquilo que é sonhado pelo homem, pois criar é uma forma de arte.

Os contos, como é o caso de Dom Quixote, que influenciado pelos romances de cavalaria sai pelo mundo em busca de aventuras, também, os mitos, como a flauta de Pã, que reproduz o som da Ninfa Sirinx, permeiam a construção das utopias, as pinturas, a arquitetura barroca e tantas outras formas artísticas são, antes de tudo, uma utopia, pois o homem constrói formas de artes como utopias.

Referências

- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Tradução: Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ – Contraponto, 2005. Volume 1.
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Tradução de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EdUERJ - Contraponto, 2006a. Volume 2.
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ - Contraponto, 2006b. Volume 3.
- BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**. Frankfurt: Suhrkamp, 1985. (*Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft*)
- CASTRO, Felipe Araújo. **Ernst Bloch e Karl Marx: convergências e divergências sobre a noção de direitos humanos**. Revista Idéias, Campinas, SP, v.8, n.1, p. 43-64, jan/jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649774/16414>. Acesso em: 22 de Maio 2020.
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quijote I**. e-books. Livro de Domínio Público: Spanish Edition, 2020.
- MÜNSTER, Arno. **Filosofia da práxis e utopia concreta**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- SEGER, Débora da Fonseca; SOUSA, Edson Luiz André de. **Composições possíveis: psicanálise, música e utopia**. Revista: Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 45.1, p. 61-73, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n1/v45n1a05.pdf>. Acesso em: 08 de Maio de 2020.